

JAVIER CASTILLO O SUSSURRO DO FOGO

**Um crime sem resposta.
Dois irmãos que anseiam por celebrar a vida.
O que aconteceu a Laura Ardoz?**



*À minha mãe.
A todas as versões dela que conheci.*

Todos ardemos por dentro, desejando despertar.

Nota do Autor

Qualquer leitor familiarizado com as ilhas Canárias e, em particular, com as ilhas de Tenerife, Grã-Canária e La Palma, bem como com as cidades de Santa Cruz, Puerto de la Cruz, La Orotava, La Laguna, Las Palmas e La Garita, verificará que procurei fazer justiça, nas minhas descrições, à beleza destes lugares e retratá-los na história tal como são, dentro dos limites que o uso excessivo destas impõe no ritmo e no desenvolvimento dos acontecimentos. As palavras só conseguem captar uma fração do que se sente ao experienciar de perto as paisagens naturais, as falésias, as escoadas de lava e, em suma, os locais únicos das ilhas Canárias que descrevo nesta história.

Tenho também de admitir que tomei a liberdade de manter os nomes reais da maioria das localizações e dos estabelecimentos que surgem no romance, para que quem viaje pelas ilhas encontre nelas os cenários descritos no livro. Apesar de os locais e percursos serem reais, recordo que as personagens deste romance não existem e que tudo o que aqui se narra nunca aconteceu. Qualquer semelhança desta história ficcional com pessoas reais, vivas ou mortas, casos abertos ou encerrados e situações particulares dentro do enredo ou relacionadas com ele resultam de pura e omnipresente coincidência.

Introdução

Tenerife, ilhas Canárias
Sábado, 19 de outubro de 2019

*Só aprendemos a lição quando a vida
nos usa a nós próprios como exemplo.*

Mario conduzia sozinho sob um sol radiante. Os raios de luz filtravam-se entre as árvores como pilares fantasmagóricos e incidiam-lhe na pele pálida. Tinha o capuz da camisola puxado para a frente e segurava com força o volante do carro alugado. No pulso direito ainda trazia a pulseira do Hospital Universitário das Canárias, onde se podia ler: «M. Ardoz, 23/04/1994.» Arrancou-a com um puxão e sussurrou:

— Onde estás, Laura?

Virou numa curva acentuada à direita na estrada da Esperanza e continuou a subir em direção ao Teide, a partir do norte da ilha. Estava aborrecido com a irmã por ela não ter regressado ao hospital de manhã, tal como tinham combinado. Estivera ali três dias por causa de uma febre inoportuna, e aquele internamento implicara uma interrupção inesperada das férias que estavam a passar juntos. Sofrera uma queda abrupta das suas defesas, o que se manifestara numa febre intermitente seguida de calafrios esporádicos, como se o seu corpo rugisse por dentro, a anunciar um tremor de terra.

— Estás com melhor aspeto — dissera-lhe Laura em voz baixa, no dia anterior, aos pés da cama. — A tua pele passou de branco a cor de osso. Já é um avanço — brincou.

— Acho que já estou bem — respondeu Mario. — Agora só preciso que me deem alta e de sair daqui. Odeio esta roupa. Preciso de tapar a cabeça. Não gosto que me vejas assim — acrescentou, passando a mão por ela e acariciando a pele.

— A mim, pareces-me bonito — retorquiu a irmã. — Sem cabelo, mas bonito — esclareceu. — Vá, estás com um ar um bocadinho marciano, mas continuas atraente. — Sorriu. Depois baixou a voz e aproximou-se dele. — Não viste como a enfermeira olhava para ti?

— Vi. Com pena — respondeu ele, irónico. — De certeza que pensou: «Aquele rapaz bonito está a morrer.»

— Não sejas parvo — protestou ela, tentando levantar-lhe o moral. — Não vais morrer. Só tens as defesas em baixo. Acontece a muita gente que faz quimioterapia.

— Sabes que não me refiro a isto de agora.

Mario baixou o olhar e bufou pelo nariz.

— A que te referes então? — inquiriu Laura, deixando claro que a incomodava a maneira como ele abordava aquele assunto.

— Gostava de saber se achas que correu tudo bem — sondou ele de repente, com a voz apagada. — A operação, a química, enfim, tu sabes. Se acabou tudo e não se espalhou.

— Olha para mim, Mario — ordenou ela, mas ele resistiu e voltou a baixar a cabeça. — Ei! Olha para mim! — insistiu, aproximando-se e sentando-se ao seu lado na cama. — Claro que correu bem. Estás a ouvir? Acabou-se o cancro. Acabou-se. Tens vinte e cinco anos. A vida inteira pela frente. A taxa de sobrevivência é de oitenta e cinco por cento. Achas mesmo que vais fazer parte dos quinze por cento que morrem?

— E de apenas cinquenta por cento dos que morrem ao fim de cinco anos... — replicou ele. — Tens uma moeda?

— Às vezes acho que és idiota. Com um cérebro brilhante, mas idiota.

— Tem de calhar a alguém essa sorte, não é?

— E porquê a ti? — questionou ela.

— E porque não a mim? A vida é isso mesmo, não é? Jogar à roleta vezes sem conta até perdermos tudo. Arriscamo-nos todos os dias, uma e outra vez, até ao fim. Atravessamos a rua a correr, voamos de avião, andamos de carro, mastigamos a comida à pressa. Sabes quanta gente morre por engasgamento todos os anos?

Laura abanou a cabeça e depois suspirou, magoada.

— A vida não é só matemática, Mario. Eu bem sei. Devias ter vindo para aqui comigo em vez de ficares em Madrid, a definhar na solidão e na luz fluorescente. Podíamos ter estudado juntos. Há muito mais vida longe de um ecrã de computador.

— Mas responde-me a isto: o que tenho eu de diferente dos outros com osteossarcoma que faça com que mereça pertencer ao lado bom das estatísticas? Porque não haveria de me calhar a mim?

— Porque já passámos pelo suficiente, Mario — sentenciou ela num tom que parecia carregado de memórias demasiado difíceis.

Ele percebeu que aquelas palavras tinham atravessado uma fronteira de tristeza e guardou silêncio por um instante. Acariciou a mão de Laura e reparou, por um segundo, na clara diferença entre a pele de ambos e em como a distância entre os dois, apesar de serem irmãos, os havia moldado. A dela, mais morena e lisa, consequência da sua vida e dos estudos na ilha; a dele, pálida, fria e, nos últimos meses, visivelmente mais frágil. A pele

de Laura parecia nascer do fogo; a de Mario, um fragmento desprendido de um icebergue a derreter. Tinham personalidades opostas, surgidas dos mesmos pais, mas orbitavam como dois corpos celestes inseparáveis.

Ela baixou a cabeça para não o encarar, e ele percebeu que verbalizar a sua falta de esperança só piorava tudo. Reparou na pulseira de fio no pulso da irmã e em como a usava há tanto tempo que o vermelho-escuro dera lugar a um cor-de-rosa desbotado. De súbito, Mario sentiu sobre a mão o leve impacto de algo quente: uma lágrima de Laura.

— «Sempre juntos, para sempre.» Não era assim? — disse Mario. — A nossa promessa. Quando um de nós não encontra as palavras certas, pode usá-la, e o outro é obrigado a perdoá-lo.

Laura esboçou um sorriso débil sem o fitar.

— Já não somos crianças, Mario — disse com um sopro.

— Desculpa, Laura. Sei que só me queres animar, mas não vejo as coisas da mesma maneira que tu.

Ela assentiu e engoliu em seco, com uma tristeza evidente. Em silêncio, ele acariciou a lágrima que repousava sobre a sua mão. Laura inclinou-se sobre o irmão e abraçou-o.

— Sempre juntos, para sempre — respondeu ela por fim, com a voz transformada num suspiro.

Ficaram assim durante vários segundos, calados, unidos e distantes, a falar a língua da dor, até que, de repente, ela viu as horas e pôs-se de pé. Para se recompor, limpou o rosto e afastou o cabelo da cara enquanto procurava a mala e o telemóvel pela divisão.

— Já te vais embora? — perguntou ele, contrariado.

— Tenho algumas coisas para fazer e quero aproveitar que o meu hóspede está a ser bem tratado aqui — disse ela, esquiva. — Assim dou-te um pouco de privacidade com a tua enfermeira — brincou, ainda um pouco distante.

— Mas ainda é cedo — repreendeu Mario. — Ontem também te foste embora a esta hora. São três da tarde. Podias ficar mais umas horas. Depois, até podes comer o meu lanche ou ficar para jantar. Aqui sozinho, o dia é interminável. E tenho o estômago vazio.

— Comida de hospital? Dispensio. É só mais uma noite. E tens a televisão. Amanhã, de certeza que te dão alta, e depois continuamos a nossa viagem juntos pela ilha, está bem? Ainda tens muito para ver. Estarei aqui logo de manhãzinha.

Laura colocou a mala ao ombro, aproximou-se do irmão e beijou-o na testa num gesto que durou mais do que o habitual.

— Está bem. Mas amanhã, se finalmente me derem alta, quero que me leves ao teu lugar preferido da ilha. Eu conduzo, está bem?

— Fica prometido. Começamos por Los Gigantes. Não procures na Internet — disse ela, abanando o *iPhone* no ar. — É melhor não saberes o que é. Para te surpreender como me surpreendeu a mim da primeira vez que lá estive. É um lugar... — procurou a melhor forma de o descrever sem dar pistas — que ensina muita coisa.

— Já tenho pouco tempo para aprender — respondeu Mario com um meio-sorriso.

Laura bufou ligeiramente e assentiu. Em seguida, dirigiu-se à porta e, ao chegar lá, virou-se e contemplou o irmão em silêncio.

— Quem me dera que pudesses ver a vida com outros olhos, Mario. Talvez a ilha te ensine a fazê-lo.

— Ensina-me tu, Laura — respondeu Mario. — Pode ser que ainda tenha muito a aprender contigo.

— Estou a tentar — replicou ela em jeito de despedida, mesmo antes de desaparecer do outro lado da porta.

*

Mario desviou o olhar do telemóvel, que deslizava de um lado para o outro no banco do pendura, e voltou a verificar no mapa o local da última vez que Laura estivera *online*, o qual surgia como um ponto azul no meio do Parque Nacional do Teide, na aplicação Encontrar do *iPhone*. Partilhavam a conta de *iCloud*, assim como toda uma infância, e, segundo o telemóvel, ela estava ali, mas não atendia as chamadas.

— Que jogo estás a jogar, Laura? O que está o teu telemóvel aí a fazer? — murmurou, enquanto voltava a fixar a vista na estrada, que corria sob o carro como um rio negro que abrisse caminho entre as árvores sem pedir licença. Aos olhos de Mario, a irmã encontrava-se no meio do nada, num troço reto de uma estrada solitária. — Porque não respondes? — protestou, preocupado.

Avançou durante alguns minutos entre o bosque de pinheiros e abetos e o tapete de agulhas acastanhadas que a natureza tecera ao longo de ambas as bermas, até que, por fim, a paisagem se abriu e, do interior do veículo, observou a vegetação densa do norte da ilha dispersar como um manto verde até encontrar o Atlântico. Fixou os olhos no Teide, o vulcão que se erguia, imponente, ao longe, na direção para onde seguia, e recordou que ele e a irmã haviam prometido subir juntos ao parque nacional para rematar aquela viagem.

Mario tocou na perna ao sentir um ligeiro mal-estar depois de passar por um buraco na estrada. Recuperara bem da operação, três meses antes, mas de vez em quando sentia uma pontada na zona do joelho que o fazia cerrar os dentes. Apalpou a cicatriz sob o tecido das calças de ganga e recordou, em imagens rápidas, os primeiros passos com as canadianas, o saco do tratamento

pendurado ao seu lado, o instante em que o primeiro tufo de cabelo lhe ficara na mão. Já caminhava sem muletas, mas com esforço. A químio, por sua vez — cuja última sessão fora duas semanas antes, em Madrid —, evaporara-lhe as defesas, ao mesmo tempo que lhe reduzira ao mínimo o apetite e os pelos dos braços, das pernas e da cabeça; era o preço a pagar por destruir o que o devorava por dentro. Tivera a sorte de manter as sobrancelhas e as pestanas, embora menos densas, e a pele transformara-se numa película fina que se descamava com facilidade perante um toque mais firme.

Marcou o número da irmã mais uma vez, mas, depois de chamar várias vezes, o *voice mail* convidou-o a deixar uma mensagem.

— Porra! — gritou, nervoso, atirando o telemóvel para o banco do passageiro.

Imaginou-a ali ao seu lado, o perfil recortado contra a janela do carro, os pés descalços apoiados no tabliê. Entretanto, ia conduzindo, guiado pelas indicações de Laura rumo aos segredos da ilha.

Acelerou o ritmo do carro e, ao virar numa curva acentuada à esquerda, deu de caras com La Tarta del Teide, uma formação rochosa que se erguia diante dele como um muro vertical colorido. Na sua parede podiam ver-se as diferentes escoadas vulcânicas que se haviam sobreposto umas às outras em camadas brancas, pretas e avermelhadas, como um bolo cozido lentamente, ao longo de milénios. Depois de a deixar para trás e de avançar por uma paisagem desoladora, à medida que subia rumo às terras marcianas da ilha, sentiu um arrepio. Dirigia-se para a base do complexo astronómico do Teide, cujo branco imaculado sobressaía na montanha como ovos postos pela humanidade. Era ali que Laura estava a terminar a sua

pós-graduação em Astrofísica e fora dali que telefonara ao irmão inúmeras vezes a meio da noite.

— Porra, Laura! Isto não tem graça nenhuma — murmurou em voz alta, com uma inquietação crescente no peito.

Nessa manhã, acordara às oito e meia por causa de uma enfermeira que entrara no quarto para lhe medir a temperatura. Foi então que reparou que tinha uma chamada perdida da irmã. Não a ouvira, e fora realizada às 7h14. Confuso, enviou-lhe várias mensagens e ligou-lhe uma dezena de vezes, mas não obteve resposta. Enquanto esperava a confirmação de que estava recuperado e lhe iam dar alta, imaginou-a deitada na cama do seu apartamento em La Laguna, adormecida sobre o computador; nem ali o largava. Era a única explicação que a sua mente era capaz de formular.

Depois de receber alta, vestiu-se — calções, camisola cinzenta com capuz, *Converse* pretos e um velho relógio do pai — e esperou por ela sentado à entrada do hospital, na esperança de que ali aparecesse, como prometera.

Sem a irmã consigo e sem conseguir comunicar com ela, sentia-se um simples turista em terras desconhecidas. Esperou uns minutos à porta e, após uma última tentativa falhada de lhe ligar, chamou um táxi, que o levou ao centro de La Laguna, onde a irmã vivia e onde ele dormira uma só noite antes de adoecer. Não tinha chaves, por isso tocou à campainha e esperou, impaciente, mas não obteve resposta.

Foi então que se lembrou de que partilhavam a conta de *iCloud*, pelo que abriu a aplicação à pressa e ficou surpreendido ao ver no mapa que a irmã estava no Teide, transformada num ponto azul imóvel.

— O que me estás a tentar dizer, Laura? — disse em voz alta enquanto subia o último troço da estrada de montanha, ladeado

por *hierbas pajoneras* e *tajinastes rojos*, que surgiam aqui e acolá sobre a omnipresente rocha vulcânica cinzento-avermelhada.

Passou ao largo pelo teleférico que subia ao Teide e, pouco depois, reparou na cruz que coroava uma pequena ermida construída junto ao centro de visitantes do parque nacional. Estava perto, e, ao reparar que durante todo o percurso o ponto azul no mapa não se movera nem um milímetro, começaram a formar-se nas profundezas da sua mente várias ideias que já tinham dado as primeiras dentadas na sua serenidade. Talvez alguém lhe tivesse roubado e atirado o telemóvel para ali. Ou talvez ela, no dia anterior, depois de sair do hospital, tivesse ido àquele lugar e o tivesse perdido sem se aperceber.

Virou uma última vez à direita e adentrou-se numa estrada reta que o fez suster a respiração ao ver-se rodeado por uma lava negra que oferecia uma paisagem desoladora. Estava perto, era ali, a meio da encosta daquele troço solitário. A escoada negra de 1798 estendia-se diante dele como um rio petrificado de rochas, terra e fragmentos do interior da ilha, e Mario ficou surpreendido ao dar-se conta de que conseguia ver perfeitamente a cratera de onde aquela erupção surgira. De repente, avistou à sua frente um amontoado de carros a bloquear a passagem a poucos metros de onde o telemóvel indicava que Laura deveria estar.

— Mas que...? — soltou, confuso, em voz alta, enquanto parava o veículo atrás de um *Peugeot* branco com um autocolante de aluguer.

Saiu do carro para ver o que obstruía a estrada e, ao erguer o olhar por cima dos outros veículos, sentiu um baque no peito ao identificar três unidades da Guarda Civil no epicentro daquele engarrafamento.

— Laura! — exclamou, aflito.

Correu, abrindo caminho entre os automóveis e os turistas que também tinham saído para ver o que se passava e perceber porque não podiam avançar, até se deparar com a fita da polícia que delimitava o perímetro das três viaturas policiais. De um lado, parado junto à berma quase inexistente, destacava-se o carro da irmã, um *Toyota* cinzento, com a porta aberta e sem sinal dela no interior.

— Laura! — gritou Mario, furioso, enfiando-se por baixo da fita em direção ao veículo.

— Eh! Não pode passar! — ordenou-lhe uma guarda-civil de cabelo castanho, a bloquear-lhe o caminho.

— É o carro da minha irmã! — gritou. — Onde é que ela está? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Fique aí! — gritou a mulher, no exato momento em que outros dois agentes se aproximavam, gesticulando para que ele não avançasse.

Mas Mario sentiu um ímpeto impossível de conter; correu na direção da mulher com desespero e tentou contorná-la. A agente agarrou-o como pôde, mas ele deu-lhe um safanão com um grito de angústia. A cicatriz na perna provocou-lhe uma pontada de dor, como um aviso para não dar nem mais um passo, precisamente no instante em que outro agente o alcançava e tentava imobilizá-lo sem sucesso.

— A minha irmã! — berrou Mario, debatendo-se e conseguindo soltar-se da mulher, que caiu ao chão, impotente.

O outro agente puxava-o por trás enquanto ele se debatia com raiva até subir o desnível entre a estrada e a lava fria, e foi então que o viu: a poucos metros da estrada, sobre as rochas e numa posição impossível, jazia o corpo seminu da irmã, a olhar para o céu com uma expressão inerte.

— Não! — uivou Mario, colérico. — Laura!

Capítulo 1

Hospital 12 de Octubre, Madrid

10 de junho de 2019

Quatro meses antes

Mario Ardoz

*A faceta mais cruel da dor
é obrigar-nos a recordar a sua origem.*

Todos nós já lá estivemos. Naquela escuridão, naquele instante em que o Universo nos pergunta se estamos a aproveitar a viagem com um revés inesperado. E, no meu caso, já tinha recebido tantos que o senti como o fim de um trajeto demasiado breve. Estava naquela consulta em Madrid, com a minha irmã, a Laura, a segurar-me a mão, enquanto a médica se preparava para desferir o seu disparo mortal.

— É cancro — disse, com uma voz distante.

Pronunciou aquela frase que ninguém está preparado para ouvir.

— O quê? — perguntei, incapaz de organizar na mente as seis letras devastadoras que ela acabara de proferir.

— Tem cancro, Mario — repetiu num tom inerte. — Osteossarcoma de Ewing. Um tipo de tumor que costuma afetar o tecido ósseo. — Senti a voz dela ganhar distância, e as últimas palavras chegaram-me como um sussurro longínquo:

— Está a crescer rapidamente sobre o fémur da sua perna esquerda, e é preciso intervir o quanto antes.

Cancro nos ossos.

O meu corpo devorava-me por dentro.

Senti os dedos da Laura apertarem-se com força entre os meus quando a médica enunciou aquela frase. Eu tinha as mãos frias; as dela estavam a arder. Ela sempre fora fogo, e eu, pelo contrário, vivera congelado desde que tinha memória. Como absorveria ela aquele impacto? Estaria preparada para perder mais alguém? Sempre pensei que a vida nos devia alguma coisa por tudo o que nos tirara ao longo dos anos, e, no entanto, parecia que não fora suficiente. A desgraça quer sempre mais.

A médica gesticulava à minha frente enquanto prosseguia com a explicação:

— Vê isto aqui? — disse, apontando para uma radiografia da minha perna. — Temos de agir antes que cresça mais.

Nesse momento, baixei o olhar e, de repente, lembrei-me da minha irmã em criança, a brincar em casa a uma guerra de almofadas. A seguir, viajei até ao dia em que, com oito anos, depois de voltarmos de um dia na serra, montámos aquela tenda de campanha feita de lençóis, na sala, e fizemos uma promessa à luz de uma lanterna: «Sempre juntos, para sempre.» Vi-a rir-se à minha frente com o nariz de sete anos coberto de *chantilly* e também, anos mais tarde, aos dezoito, maquilhada com brilhantes no rosto, em dia de festa, enquanto dançava diante de uma fogueira naquele São João em que viajámos para Barcelona. Éramos gémeos, e todas as nossas memórias tinham sido construídas lado a lado. Senti a tristeza dela no meu corpo. E percebi que ela sentia a minha.

Desviei o olhar para procurar nos olhos da Laura um refúgio onde me pudesse esconder, mas encontrei as suas lágrimas.

— Deve ser um erro — disse ela, com a voz quebrada. — Não pode ser cancro. Com apenas vinte e cinco anos? Tem a certeza?

— A biópsia é clara — respondeu a médica. — Células azuis arredondadas na formação óssea que está a crescer na parte inferior do fémur. O estudo imuno-histoquímico para o CD99 também deu positivo. É Ewing, não há dúvida. É agressivo e pode descontrolar-se muito rapidamente. Devíamos começar o tratamento o quanto antes. O mais urgente é marcar uma tomografia para verificar se não há metástases e se não se espalhou para outras partes do corpo. Tem notado alguma tosse?

Ouvi tudo aquilo ao longe, com o meu corpo presente na consulta, mas a mente perdida em memórias. Seria esta a tal viagem ao passado a que todos os que olhavam a morte nos olhos se referiam?

Vi a Laura rir-se diante de mim, em criança, de mãos dadas, os dois a girarmos sobre nós próprios, alheios ao que a vida nos reservaria. Vi a sua silhueta infantil na penumbra da noite, à porta do meu quarto, e até ouvi a sua voz fraca transformada num sussurro: «Mario, tive um pesadelo. Podemos dormir juntos?» Crescemos a fazer companhia um ao outro no ventre da nossa mãe e, segundo ela, até nas ecografias aparecíamos sempre costas com costas, separados apenas por um fino véu. O que preocupava a Laura tornava-se também preocupação minha. Cada batida do seu coração ecoava no meu peito. O que a magoava devastava-me por dentro.

— Mario. — Ouvi ao longe. — Mario — chamou-me de repente a oncologista, arrancando-me das minhas recordações. — Está a ouvir-me? Sente algum incómodo ao respirar? Tem tosse?

— Hum... não — murmurei, quase sem fôlego.

— Este tipo de cancro costuma viajar com facilidade para os pulmões, e... uma vez lá, a coisa complica-se. Temos de ser rápidos.

— E qual é o tratamento? — interrogou a Laura, com a força que eu não conseguia reunir.

Reconheci na sua voz a mesma raiva daquela noite fatídica, quando tínhamos vinte e um anos.

— Primeiro, uma cirurgia para remover o tumor antes que afete ainda mais o osso. Talvez seja necessário reforçá-lo, já que... — fez uma pausa e apontou para a imagem de uma das minhas radiografias, inseridas no negatoscópio — teremos de retirar a parte do osso afetada, e isso comprometerá a sua resistência. É jovem, e queremos que continue a conseguir andar — acrescentou, dirigindo-se a mim.

— Boa. Uma operação e pronto — exclamou a minha irmã, com um sorriso forçado para me animar.

A médica olhou-nos de lábios comprimidos, como que recuperando uma empatia que até àquele preciso instante eu não vira nela. Parecia saber o terror que transmitia a palavra que estava prestes a pronunciar a quem estava do outro lado da secretária, e algo no seu tom de voz deu forma ao meu temor.

— E quimioterapia. Se nos despacharmos, em três ou quatro meses talvez já tenhamos concluído o tratamento completo. Operação, reabilitação e quimioterapia.

Era estranho sentir-me o protagonista de algo que parecia acontecer sempre aos outros. Ninguém na minha família padecera de qualquer tipo de cancro, e eu sempre contemplara as estatísticas como se fosse pertencer ao lado que o experiancia de longe, enquanto testemunha da tragédia alheia. O que nunca aprendi a tempo, nem com a mais dura das lições, é que saltamos entre um e outro num momento fulminante como

aquele, com um médico à nossa frente a proferir uma notícia implacável.

A Laura cravou em mim os seus olhos vidrados, e eu retribuí o olhar, assimilando a sua dor com a sensação de estar a cair num negrume que em breve inundaria tudo.

Capítulo 2

Madrid
Dezassete anos antes
Irmãos Ardoz

*Abre os olhos
e verás toda essa escuridão.*

— Três, dois, um... Aqui vou eu! — gritou Mario à medida que se virava com rapidez e contemplava a escuridão absoluta do quarto que partilhava com a irmã.

Tinham descido as persianas, fechado a porta e apagado um candeeiro de lava que repousava sobre a secretária, transformando o quarto numa gruta onde Mario era incapaz de ver as costas das próprias mãos estendidas à sua frente. Ouvia a própria respiração, sentia na pele com uma nitidez exagerada cada movimento que fazia e, ao olhar para baixo, ficou aliviado ao perceber que o ténue fio de luz que entrava por baixo da porta lhe iluminava escassamente os calcanhares descalços.

— Sei onde estás, Laura — disse o pequeno, dando um passo em frente e movendo as mãos como se fossem antenas à procura de sinais. — Vou encontrar-te. Desta vez vou ganhar eu — vangloriou-se, dirigindo-se para o negrume que o envolvia.

O menino, com os seus oito anos, avançou vários passos até os joelhos embaterem em algo macio, agachando-se rapidamente.

— Apanhei-te! — gritou, triunfante, enquanto apalpava com as mãos e percebia que não era mais do que uma almofada pousada sobre a cama.

Levantou-se, ajustou o rumo e voltou a estender as mãos em frente, quando, de súbito, ouviu um ligeiro estalido proveniente do canto direito do quarto, onde ficava o roupeiro. Virou-se para lá e deu alguns passos cautelosos, tentando não tropeçar em nada.

— Já sei onde estás — disse Mario, do centro do quarto, enquanto avançava.

Pisou um peluche que a irmã atirara ao chão como uma espécie de armadilha e riu-se, invadido pela sensação de estar prestes a encontrá-la. De súbito, ouviu a gargalhada de Laura, suave, quase um suspiro, seguida de passos rápidos que pareceram rodeá-lo por todos os lados antes de se afastarem novamente para outro ponto que ele não foi capaz de identificar.

— Ei! Não vale mexer-se — protestou.

— Tens de me encontrar — sussurrou ela. A sua voz parecia vir de todo o lado e de lado nenhum ao mesmo tempo. — É a única regra do jogo.

Mario susteve a respiração por um segundo, tentando controlar a frustração. Por mais que se esforçasse, parecia estar sempre um passo atrás da irmã. Cerrou o maxilar e tentou imaginar para onde ela se teria movido. Talvez se tivesse sentado na cama ou escondido debaixo da secretária. Embora vivessem num *duplex* na zona norte de Madrid, com um quarto livre para cada um, continuavam a dormir juntos desde que Laura tivera um pesadelo em que ficava presa entre as chamas.

Mario aproximou-se do sítio onde intuía estar a secretária e, depois de se apoiar nela, estendeu a perna por baixo com a esperança de tocar na irmã, mas apenas conseguiu acertar num

pequeno cesto do lixo onde se acumulavam bolas de papel com desenhos de estrelas.

— Continua a procurar, Mario — sussurrou ela de algum ponto atrás dele. — Não consegues encontrar-me?

O pequeno deu uma rápida meia-volta e sentiu na pele uma brisa suave com o cheiro da irmã. No entanto, ao avançar na direção do feixe de luz que entrava pela porta, tropeçou num sapato e caiu de bruços na escuridão.

— Au! — gritou ao sentir o impacto do joelho esquerdo contra o chão. — Dói!

De repente, sem perceber de onde se aproximara, sentiu as mãos quentes de Laura segurarem-lhe o rosto.

— Estás bem, Mario? — sussurrou a pequena, invisível para o irmão. — Onde te magoaste?

— No joelho — gemeu ele, agachado no chão. — Acende a luz, Laura! — gritou. — Tenho medo!

— Calma, Mario, estou aqui, ao teu lado.

— Desisto — disse ele. — Nunca mais quero brincar ao quarto escuro. É impossível encontrar-te.

— Mario... não desistas agora — respondeu ela em voz baixa. — De certeza que consegues.

— Mas... — tentou arranjar uma desculpa para a convencer — parece que consegues ver-me. Eu só vejo o escuro.

— Não te vejo, Mario. Está demasiado escuro. Sinto-te.

— O quê?

Laura sempre tivera uma sensibilidade especial, e, desde pequena, já se notava nela uma intuição única para se mover pelo mundo com um olhar diferente.

— Não tentes ver-me com os olhos. Procura-me pelo som da minha respiração, pelo cheiro do meu corpo. Sente o ar quando me mexo. Repara no calor do chão que estou a pisar. O segredo

está em... — tentou encontrar as palavras certas para revelar ao irmão o segredo daquele jogo — descobrir onde estive para saber onde me posso ter escondido a seguir. — Então afastou os dedos do rosto do irmão e deixou-o ali, confuso no chão, com a certeza de que seria sempre inalcançável. — Procura-me, Mario — sentenciou.

Capítulo 3

La Orotava, ilha de Tenerife
Sábado, 19 de outubro de 2019
Candela Oramas

*Amar consiste em entregar a alguém
o poder de nos destruir com uma verdade
ou de nos salvar com uma mentira.*

Candela não conseguia encontrar uma posição confortável entre os lençóis. A luz filtrava-se pelas frestas da persiana e desenhava no seu tronco nu pequenas manchas brancas que brilhavam na penumbra.

Estendeu o braço direito para esse lado da cama, e, sem o pretender, a mão avançou sem encontrar resistência por baixo da almofada. Abriu os olhos em sobressalto, confusa, e ergueu-se de imediato com o sobrolho franzido. Tinha o cabelo castanho emaranhado sobre os ombros e, ao ouvir passos fora do quarto, pôs-se de pé e procurou a roupa à pressa.

— Dani? — chamou, levantando a voz enquanto vestia uma *t-shirt* velha com o logótipo da *Pepsi* que usava como pijama.

Abriu a porta e saiu do quarto, dando de caras com a claridade do dia, que lhe atingiu o rosto como os focos de um interrogatório. Viu que não estava ninguém na sala, apenas os restos da noite anterior: dois copos de vinho meio cheios sobre a

mesa baixa diante do sofá, uma garrafa de vinho tinto vazia, sem rolha, o *soutien* bege atirado sobre as almofadas. Aproximou-se em passo lento para o ir buscar, reconstituindo mentalmente a memória da noite, quando ouviu uma porta fechar-se de súbito na cozinha e o tilintar metálico de uma colher a cair no lava-louça. Virou-se e caminhou, decidida, na direção dos sons, mas deteve-se na soleira ao ver lá dentro um homem de trinta e poucos anos a abotoar a camisa à pressa.

— Vais-te embora? — interrogou ela, com a voz sonolenta e contrariada. — Não tinhas dito que hoje não trabalhavas?

O homem ergueu a vista e olhou-a nos olhos com uma expressão séria. Parecia preocupado por a ver ali.

— Surgiu uma coisa, tenho de ir — respondeu, depois de dar um último gole rápido no café e deixar a chávena dentro do lava-louça.

— Que coisa? — perguntou ela, confusa, carregando ligeiramente o sobrolho. — Quero dizer, no dia a seguir a darmos outra oportunidade à nossa relação é que te vais embora? Pensei que íamos passar o dia juntos e almoçar num *guachinche*. No El Cordero, era esse o plano, não era? Entre as bananeiras, como quando começámos a namorar.

— Não posso, Candela — admitiu ele com frieza.

Passou por ela com movimentos esquivos em direção à sala. Candela virou-se rapidamente, intrigada, e deu alguns passos no seu encaço, observando-o com atenção enquanto ele procurava algo naquela divisão.

— Ontem já avisei os meus chefes de que não podia ir hoje. Fi-lo por ti — insistiu ela, com um misto de desilusão e desconcerto. — Por nós. E acredita que, quando falta alguém no trabalho, tudo se desequilibra. Somos poucos, e cada ausência custa. Que brincadeira é esta? Que se passa, Dani?

Ele agachou-se, apanhou o telemóvel de entre as almofadas do sofá e ficou a olhar para o ecrã durante alguns segundos, evitando cruzar o olhar com Candela.

— Que se passa? Fiz alguma coisa de mal? — voltou ela a perguntar, aproximando-se, inquieta.

Dani baixou o olhar e pareceu travar uma batalha consigo mesmo, até que soltou um longo suspiro.

— Passei a noite inteira em claro, Candela — confessou finalmente, movendo a cabeça de cima para baixo como que a tentar reunir coragem.

— Porquê? Que aconteceu? — inquiriu ela, sem perceber nada.

— Nada. Não aconteceu nada.

— Então? Não percebo — acrescentou ela, ainda mais desconcertada.

— Não sinto nada por ti — sentenciou ele, numa frase que ecoou por toda a divisão. — O que tínhamos morreu. Não consigo, está bem? Tentei, mas não consigo.

— O quê? — soltou ela baixinho.

— Sinto-me um idiota — disse Daniel de si para consigo. — Não sei porque vim, nem porque dormimos juntos, nem porque fiquei. Isto não funciona. Já não. Queremos fingir que sim, mas o que aconteceu ontem não passou de teatro. Dois adultos que já não se amam a fingirem que se desejam. Mas eu e tu sabemos que não é assim. Fizemos muito mal um ao outro, Candela. Os dois. E isto é como tentar reconstruir um castelo com cartas molhadas.

Ela recebeu a frase como um soco no estômago que a deixou sem ar. Um telemóvel começou a tocar algures na sala, mas Candela ignorou-o. Tinha os olhos fixos em Dani, e o coração retumbava-lhe com a força típica de uma desilusão.

— E aquilo que prometemos ontem? Que íamos tentar, acontecesse o que acontecesse. Quanto tempo tentaste? Umhas horas?

— Foi um erro — disse ele. — Não acho que vá funcionar. Percebi que não tenho forças para tentar de novo.

— Então, esforço-me eu — replicou ela, desesperada, mas a voz reverberou na sala no preciso momento em que o telemóvel deixava de tocar.

Ao ouvir-se a si mesma com clareza, não se reconheceu. Sempre acreditara que era impossível construir uma relação quando apenas um dos dois a sustentava. Lembrou-se dos pais, que tinham passado a vida inteira juntos e ainda se amavam, se protegiam e agora conciliavam a vida tranquila em La Palma na velhice com a ocupação de cuidarem de um pequeno pomar cheio de bananeiras. Nesse momento, regressou-lhe como uma rajada a frase que a mãe lhe dissera certa vez: que o amor, quando é verdadeiro, funciona, por mais desafios que lhe apareçam pela frente. Os dois entreolharam-se em silêncio, sem saber muito bem que mais dizer.

— Já não és como eras, Candela — confessou ele. — Não és a mesma. Olho para ti e não te vejo. Os teus olhos já não veem como antes. É como se não estivesses dentro deles. Ontem à noite, enquanto dormias, não parei de pensar que o tempo passa e que ainda somos jovens. E em toda a vida que está lá fora à nossa espera. Ainda temos a oportunidade de encontrar esse brilho nos olhos de alguém. Os teus estão apagados — sentenciou com frieza.

— Fui eu quem perdeu o bebé — respondeu ela num soluço, retesando o maxilar para tentar conter a dor de reviver aquele momento.

— Perdemos os dois — protestou ele com um arquejo. — Eu também sofri.

— Mas fui eu quem teve de o parir morto — asseverou, deixando escapar ao mesmo tempo as lágrimas e a raiva.

Daniel fechou os olhos por um instante e soltou um longo suspiro de resignação.

— A vida continua, Candela. Esse bebé não vai voltar. E percebi que o que fizemos ontem à noite não devia ter acontecido. Foi um erro. Não quero regressar a toda essa escuridão.

— Vai-te embora — sussurrou ela.

Daniel contemplou-a em silêncio, sem sair do mesmo lugar.

— Desculpa, Candela — disse ao fim de alguns instantes.

— Vai-te embora! — gritou ela de repente, agarrando uma almofada do sofá e atirando-a contra o peito dele.

Daniel recebeu o impacto sem reagir. Depois, sem dizer mais nada, passou por ela sem lhe tocar e saiu, deixando atrás de si o eco da porta a fechar-se e o ritmo triste do coração de Candela.

O som do telemóvel voltou a romper o silêncio que reinava na sala, e, após vários toques, Candela aproximou-se do espaço entre a mesa de apoio e o sofá e apanhou-o do chão. Leu o nome de Álex Quintana no ecrã, ainda com o rosto coberto de lágrimas, e atendeu com a melhor voz que conseguiu recompor.

— Diz — soltou para o aparelho, ocultando a voz quebrada.

— Desculpe estar a ligar-lhe, Candela — disse uma voz jovem do outro lado da linha. — Sei que hoje não vinha, mas o capitão pediu-me para a encontrar. Ligaram do SEPRONA, o Serviço de Proteção da Natureza. Aconteceu alguma coisa lá em cima.

— Onde?

— Na escoada de Narices del Teide. Um homicídio. Quer que a vá buscar e seguimos diretos para lá?

— Está bem. Vou vestir-me e já desço. Dez minutos?

— Se precisar de mais, não faz mal, já há unidades lá.

— Dez minutos — confirmou ela antes de desligar.

Candela dirigiu-se ao armário e vestiu umas calças de ganga pretas e uma camisola de manga comprida da mesma cor. Depois abriu a segunda porta e tirou um colete verde com letras amarelas nas costas onde se lia GUARDA CIVIL. POLÍCIA JUDICIÁRIA. Recolheu à pressa os copos de vinho e deixou-os na cozinha. Em seguida, foi à casa de banho e viu-se ao espelho por um segundo, durante o qual observou o rosto cansado e desiludido. Lavou a cara, os dentes e penteou o cabelo enquanto revia mentalmente a conversa com Daniel. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo alto que já fazia parte do seu uniforme de trabalho e, depois de dar uma última vista de olhos à casa e de pegar nas suas coisas, saiu do apartamento com a firme decisão de não permitir que ninguém percebesse que por dentro estava devastada.

Vivia em La Orotava, no terceiro andar de um edifício amarelo junto ao parque de estacionamento de San Agustín, atrás da igreja, e quando saiu para a rua viu o carro-patrolha estacionado no passeio em frente, mas vazio, sem sinal do colega.

— Trouxe-lhe um sumo da Casa Verde — disse subitamente Álex Quintana, surgindo ao seu lado com um copo na mão. Vestia umas calças de ganga azuis e uma *t-shirt* branca por baixo do colete oficial. — Suponho que não tenha tomado o pequeno-almoço. É de laranja e cenoura.

Candela cumprimentou-o com um meio-sorriso e pegou no copo.

— Obrigada, Álex — disse com melhor voz do que ao telemóvel. — Vamos? — acrescentou, pisando a estrada em direção ao carro.

— Sim, claro — replicou ele, seguindo-a e entrando para o lugar do condutor.

Quintana conduziu estrada acima, contornando o parque de estacionamento, para depois descer por uma rua junto a um mural com várias figuras ao estilo *Playmobil* vestidas de bombeiro, socorrista e polícia. Entre elas havia uma mulher da Guarda Civil, e Quintana decidiu quebrar o silêncio ao reparar fuzadamente na figura feminina do mural.

— Acho que se inspiraram em si para aquele *Playmobil*, inspetora.

Ela baixou a cabeça e deu um gole no sumo.

— Não sou eu — replicou secamente. — Não tem o cabelo apanhado.

— Bem visto. — Quintana sorriu enquanto virava o volante, começando a subir pela estrada TF-21 em direção ao Teide, pela vertente norte.

Abandonaram La Orotava em silêncio, deixando para trás o Atlântico, e, após uma curva acentuada à esquerda, Candela decidiu quebrá-lo para tentar esquecer a discussão com Daniel:

— O que te reportaram? — perguntou num tom sério.

— Pouco. Havia um carro abandonado na estrada, na zona do Miradouro de Narices del Teide, a atrapalhar o trânsito. Uma família de turistas de Málaga saiu para ver se o condutor precisava de ajuda e, não vendo ninguém ao volante, caminharam pelos arredores e encontraram o corpo. Ligaram para o 112, e fomos mobilizados.

— Não me digas: um homem estrangeiro?

— Uma mulher jovem — disse ele, desviando o olhar da estrada com uma expressão preocupada. — Vinte e poucos anos, segundo o primeiro aviso.

— Porra — soltou ela. — Sabes se há indícios de violência?

— Não faço ideia. A Criminalística também vai para lá, mas não parece nada bom.

— Não, não parece — respondeu ela. — Vamos ver o que nos espera. Sabes quem é o juiz de turno hoje?

— A Anita — informou Álex, com um trejeito de desagrado nos lábios.

Candela susteve a respiração por um instante. Aquilo pareceu-lhe uma partida cruel do destino.

— A sério? Não havia mais ninguém?

— Que quer que diga? Já sabia que não lhe ia agradar.

Candela sentiu um nó incómodo formar-se-lhe na garganta e bebeu mais um gole do sumo para tentar dissipá-lo, sem sucesso. Abanou a cabeça em silêncio e voltou a pensar em Daniel. Reviu mentalmente a discussão e lamentou interiormente não ter mencionado o assunto.

Conduziram sem trocar uma palavra durante algum tempo, serpenteando pela estrada de montanha atrás da marcha lenta de um autocarro cheio de turistas, até que este se desviou para o parque de estacionamento do teleférico do Teide e lhes deixou o caminho livre. Passaram pelo Miradouro de La Ruleta e, ao virar à direita e avançar um pouco mais, depararam-se com o engarrafamento que bloqueava a estrada à altura da escoada de lavas negras. Ligaram as luzes e ultrapassaram os veículos pelo sentido contrário até chegarem ao centro do bloqueio, onde já havia um carro do SEPRONA e outro da Brigada de Trânsito a escoltar um *Toyota* cinzento parado junto à barreira de proteção de madeira. Tinha a porta do condutor aberta e a frente apontada para a beira da estrada. Ao fundo, uma ambulância fechava o grupo de viaturas, com as luzes a piscar em silêncio.

— Isola o perímetro — disse Candela ao sair do carro apressadamente. — Que ninguém se aproxime nem toque no veículo.

— Às suas ordens, inspetora — replicou Quintana, voltando rapidamente ao carro para ir buscar a fita.

Candela avistou um paramédico ao longe, de pé sobre as rochas de lava fria, a vários metros da estrada. Uma agente fardada postara-se na zona central da faixa de rodagem e ia deixando passar alternadamente os carros de ambos os lados pela via livre. Identificou, atrás do segundo carro-patrolha e diante de um SUV vermelho, um guarda-civil a falar com um homem de expressão preocupada. Outro agente aproximou-se dela com passo rápido e ar aliviado.

— Bom dia, sou a inspetora Oramas, da Polícia Judiciária — apresentou-se com formalidade. — Unidade de Homicídios.

— Bom dia, inspetora. Primeiro-cabo Cortés, do SEPRONA. Fomos os primeiros a chegar. O meu colega, o cabo Chaparro, está lá em cima com o corpo.

— Há quanto tempo receberam o aviso?

— Há um par de horas. Por volta das dez. Estávamos por perto.

Candela avançou até ao *Toyota* e parou ao lado deste, observando com atenção a porta aberta.

— Alguém tocou em alguma coisa?

— Os paramédicos, para confirmar a morte. Ninguém mexeu em mais nada.

Ela assentiu enquanto se agachava e verificava o interior, limpo, sem manchas de sangue.

— Foram eles que ligaram? — perguntou Candela, erguendo-se e apontando para o homem junto ao carro vermelho.

— Sim. O senhor está um pouco tenso. Quer continuar com as suas férias e não ficar aqui, dentro do carro, à espera de que decidamos o que fazer. A família está lá dentro: a mulher e três crianças pequenas. Talvez devêssemos pedir que nos acompanhassem à esquadra para...

— Já recolheram o seu depoimento? — interrompeu Candela.

— Sim, claro. Diz que viu o carro parado e foi espreitar. Pensou que alguém precisava de ajuda. Subiu à lava e encontrou o corpo. Pouco mais. Não deixou que a família saísse do carro desde então. Não viram ninguém por aqui antes de se depararem com o corpo.

Candela comprimiu os lábios enquanto ponderava como proceder.

— Deixem-nos ir — declarou. — Peçam-lhes os dados de contacto na ilha e digam-lhes que ligaremos se precisarmos de algum esclarecimento. Não vamos castigá-los mais.

— De acordo.

— O que dizem os paramédicos?

— Confirmaram a morte e pouco mais — respondeu o cabo Cortés. — Estão à espera do juiz e do médico-legista para o levantamento do cadáver.

Candela assentiu, séria. Em seguida, contornou o *Toyota* e examinou atentamente a barreira de proteção de madeira em busca de algum indício. Saltou por cima sem se apoiar nela e começou a subir as rochas com dificuldade, vendo bem onde punha os pés. Era complicado caminhar sobre os restos de lava fraturada da superfície; ao chegar ao topo e vencer o desnível em relação à estrada, deparou-se com o paramédico, que já se afastava do local onde estava o corpo e cambaleava com passos incertos na sua direção. O sol incidia com força, e o homem

fitou-a de olhos semicerrados até levar a mão à testa para fazer sombra.

— Tenha cuidado ao andar por aqui, agente — aconselhou o paramédico, continuando a aproximar-se e deixando o corpo para trás. Era um homem de trinta e poucos anos, moreno, com uniforme das urgências e luvas nas mãos. — Não gostaria de ter de tratar de uma fratura.

— Moveram-na? — perguntou Candela, sem abrandar o passo.

— Nem um centímetro. Quando chegámos, já estava morta há várias horas. Está exatamente como a encontrámos. É realmente uma pena. Pode ter sido estrangulada, mas não há marcas evidentes.

Candela voltou a olhar para o corpo, ainda distante, e aproximou-se, sentindo um nó formar-se-lhe na garganta, impedindo-a de engolir. Ali também estava o cabo Chaparro, de pé, a poucos metros do cadáver, incapaz de desviar o olhar deste. O tom claro do tronco seminu destacava-se sobre a lava negra petrificada da escoada de 1798 como uma pomba branca caída entre ruínas de guerra. A inspetora aproximou-se, sustendo o fôlego, e foi então que viu alguns pormenores do corpo da mulher que lhe chamaram a atenção de imediato. Usava um vestido preto com pequenas flores brancas estampadas, e o decote rasgado, deixando à vista o *soutien* e parte do tronco, estava salpicado de pequenos arranhões avermelhados. Tinha um colar ao pescoço, um minúsculo crucifixo prateado. Os braços estavam tombados acima da cabeça, com o cotovelo direito encaixado entre duas rochas, e fitava o céu com os olhos e a boca abertos, como um manequim abandonado no fim da estação. Calçava umas botas *Converse* pretas. No tornozelo sobressaía uma pequena tatuagem de uma constelação. O pescoço comprido

apresentava um tom rosado, e os lábios já se tingiam de um azul-glaciar.

— Porra — soltou Candela num suspiro.

Procurou o colega Quintana com o olhar e viu-o prender o último troço da fita a um dos carros-patrolha, dirigindo-se em seguida para onde ela se encontrava. Foi então que ouviu um grito ao longe e viu um rapaz de capuz a correr entre os carros.

— Laura! — gritou o rapaz enquanto avançava em direção à fita.

— Merda. — Candela apressou o passo em direção à estrada e desceu da lava com um salto.

— Laura! — voltou o rapaz a uivar, furioso, enfiando-se por baixo da fita em direção ao veículo.

Candela cortou-lhe o caminho com as mãos erguidas e reconheceu nele os traços da rapariga.

— Eh! Não pode passar! — ordenou.

— É o carro da minha irmã! — gritou ele. — Onde é que ela está? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Fique aí! — gritou Candela a poucos metros de distância, no exato momento em que outros dois agentes se aproximavam, gesticulando para que ele não avançasse.

Mas o rapaz correu com agilidade na direção de onde Candela vinha, e esta colocou-se à sua frente para lhe cortar o caminho, em vão. Agarrou-o como pôde, mas o jovem deu-lhe um forte safanão, até que Quintana apareceu ao lado dela e tentou detê-lo. Segurou-o com firmeza, mas o rapaz era incontrollável, como uma escoada ardente que arrasava irremediavelmente tudo à sua passagem.

— A minha irmã! — berrou.

Cheio de cólera e com um movimento brusco, o jovem conseguiu soltar-se de Candela e subir, desesperado, até à lava,

com o cabo Quintana a puxá-lo, incapaz de o travar. Candela tropeçou para trás e caiu de costas no chão. Dali, viu-o chegar ao topo com aflição, e foi então que ouviu aquele grito dilacerante que ressoou nas profundezas do seu peito.

— Não! Laura!

**Do autor do *bestseller A Menina de Neve*
Mais de 2,5 milhões de livros vendidos**

**Poderá a morte
reavivar a chama da nossa vida?**

Tenerife, 2019. Os irmãos gémeos Mario e Laura Ardoz visitam as ilhas Canárias ansiosos por celebrar a vida: ele acabou de fazer a sua última sessão de quimioterapia; ela acredita que essa viagem é a melhor forma de recomeçar após o cancro. Mas Mario sofre uma recaída que o mantém internado no hospital durante alguns dias. Ao sair, descobre que a irmã desapareceu e que o telemóvel dela a situa num local devastado pela lava. Começa, assim, uma busca contra o relógio e uma luta contra o fogo que parece abrir-se sob os seus pés.

Um romance inspirador e transcendente; uma história repleta de mistério, amor e dor que nos abala, nos desperta e nos mergulha, sem tréguas, numa viagem profunda de reflexão sobre as marcas que deixamos nos outros.

«Javier Castillo é, sem dúvida,
o novo fenómeno da
literatura europeia.»

Joël Dicker



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-895-4



9 789895 898954